



A Santa Sé

PAPA JOÃO PAULO II **ANGELUS** Domingo, 5 de Abril de 1981 1. *Nolo mortem impii sed ut convertatur impius a via sua, et vivat* (Ez 33, 11): "Não tenho prazer na morte do ímpio, mas antes na sua conversão, de maneira que ele tenha vida". *Nolo mortem!* Na liturgia quaresmal muitas vezes são evocadas estas palavras, com as quais se exprime o próprio Deus, o Senhor da vida, o *único Senhor da vida, o Deus que ama a vida!* (cf. Sab 11, 26). Deste amor tem origem o mistério pascal, no qual a morte é vencida pela Morte e Deus se revela em profundidade o Doador da vida indestrutível. Quando repetimos na oração: "E o Verbo fez-Se homem e habitou entre nós" (Jo 1, 14), pensamos no *imenso valor* que teve aquela única vida humana concebida por obra do Espírito Santo no seio da Virgem de Nazaré. Ao fazer desta vida *um dom absoluto* e definitivo ao Pai, na morte da cruz, Cristo, com este dom assegura à vida a vitória, e ao mesmo tempo reconfirma a dignidade única e inigualável de toda a vida humana. Reconfirma a lei fundamental da vida. Cada homem tem o direito ao dom da vida. 2. O tempo da Quaresma exige de nós *profunda reflexão sobre os problemas da vida e da morte*. Quanto mais profundamente entramos neste período, quanto mais nos aproximamos do *Triduum Sacrum*, tanto mais intensamente devemos concentrar-nos neste problema: no problema da vida e da morte, em todos os seus aspectos e em todas as suas consequências. De facto, existe na nossa época uma crescente *ameaça ao valor da vida*. Esta ameaça, que se evidencia particularmente na sociedade do progresso técnico, da civilização materialista e do bem-estar, apresenta um ponto interrogativo à mesma *autenticidade humana daquele progresso*. Se, de facto, substituíssemos o direito à vida, o dom da vida com o direito de tirar a vida ao homem inocente, então não poderíamos duvidar que, em meio a todos os valores técnicos e materiais, com que calculamos a dimensão do progresso e da civilização, viria a ser *infringido o valor essencial e fundamental* que é a justa razão e a medida do verdadeiro progresso: o valor da vida humana, ou seja o valor da existência do homem, dado que *vivere est viventibus esse*. Destruir a vida humana significa sempre que o homem perdeu a confiança no valor da sua existência; que destruiu em si, no seu conhecimento, na sua consciência e vontade, aquele *primeiro e fundamental valor*. Deus diz: "Não matarás!" (Êx 20, 13). E este mandamento é ao mesmo tempo o princípio fundamental e a norma do código da moralidade, inscrito na consciência de cada homem. Se concedemos direito de cidadania ao assassínio do homem, quando está ainda no seio da mãe, então encaminhamo-nos por isso mesmo para o declive de incalculáveis consequências de natureza moral. Se é lícito tirar a vida a um ser humano, quando ele é mais débil, totalmente dependente da mãe, dos pais e do âmbito das consciências humanas, então destruímos *não só um homem inocente, mas também as*

mesmas consciências. E não se sabe quão larga e rapidamente se propaga o raio daquela destruição das consciências, nas quais se fundamenta, antes de tudo, o sentido mais humano da cultura e do progresso do homem. Aqueles que pensam e afirmam ser este um problema privado e que é preciso defender, em tal caso, o direito estritamente pessoal de decisão, não pensam e não dizem toda a verdade. O problema da responsabilidade pela vida concebida no seio de cada mãe é problema eminentemente social. E ao mesmo tempo é problema de cada um e de todos. Ele encontra-se na base da cultura moral de todas as sociedades. E dele depende o futuro dos homens e das sociedades. Se aceitássemos o direito de tirar o dom da vida ao homem ainda não nascido, conseguiríamos depois defender o direito do homem à vida em todas as outras situações? Consequiríamos deter o processo de destruição das consciências humanas?³. O período da Quaresma *constitui um desafio*. À luz do mistério pascal, do qual nos aproximamos, entrando sempre mais profundamente na meditação da paixão e da morte de Cristo, é preciso que as consciências despertem e assumam a grande causa do valor da vida e da *responsabilidade pela vida*, que é, ao mesmo tempo, a responsabilidade pelo homem até às raízes mesmas da sua existência e da sua vocação. E é necessário que aumente também a oração, porque se trata de problema da máxima importância sob o ponto de vista seja da dignidade do homem seja do seu futuro digno. Recordemos que Deus diz: *Não tenho prazer na morte!*⁴. Tenho uma intenção particular a recomendar vivamente, hoje, à vossa oração a Maria. Tereis sabido que durante a semana passada se registaram (e ainda continuam) no Líbano duros combates com cerrados bombardeamentos sobre a capital Beirut e especialmente sobre a cidade de Zàkle, centro quase inteiramente habitado por cristãos. Muitíssimos foram já os mortos e feridos; perderam a vida uma religiosa católica e dois enfermeiros muçulmanos que, numa ambulância, levavam socorro à população. A artilharia atingiu numerosas escolas, hospitais e também igrejas, é enormemente difícil fazer sair os feridos e os alunos dos institutos. O Líbano, onde se encontram florescentes comunidades cristãs, está a sofrer há quase seis anos dolorosíssima paixão; dilacerado por conflitos, com regiões inseguras ou abandonadas, suporta grave peso que é resultado das crises do Próximo Oriente. A Santa Sé interveio segundo as suas possibilidades e com denodado empenho, para fazer cessar a luta e os bombardeamentos; os Bispos libaneses pediram a solidariedade dos irmãos no Episcopado do mundo inteiro. Quem mais está exposto e mais sofre é o povo inerme, os cidadãos que foram obrigados a deixar as próprias casas ou se encontram nas regiões mais atingidas pelos bombardeamentos. É situação angustiante, a agonia de todo um País que não deve mais prolongar-se e diante da qual a consciência e a opinião pública internacional não podem permanecer insensíveis. Suplicaremos hoje à Virgem queira obter para o Líbano o dom da pacificação e da serenidade; pediremos a ajuda a fim de que todos os responsáveis tenham a sabedoria e a coragem de tomar as decisões devidas para fazer cessar os combates e as violências e se esforcem por que se resolvam as tensões que os causaram, de tal sorte que as populações libanesas possam encontrar o caminho da harmonia e da paz.

5. Continuo a recomendar também os problemas da minha Pátria. Os acontecimentos da última semana demonstraram mais uma vez que os Polacos procuram resolver, de maneira pacífica, os seus difíceis problemas internos, deixando-se guiar pelo sentido de responsabilidade pelo bem comum. Com efeito, a opinião de toda o mundo, de todos os Países

que amam verdadeiramente a paz, ressalta com, justiça — em conformidade com os princípios da convivência internacional — que o direito da Nação polaca à solução ulterior dos seus importantes problemas internos deve ser plenamente respeitado.

São problemas importantes que dizem respeito à dignidade mesma do trabalho humano e podem ser resolvidos humanamente e apenas com meios pacíficos.

Recomendo mais uma vez os problemas da minha Pátria às orações da Igreja e de todos os homens de boa vontade.

© Copyright 1981 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana